

Boletim nº 02/95 Educação Popular agosto 1995 (59)
4 folhas



Educação Popular

Agosto 1995

Boletim nº 02/95

APRESENTAÇÃO

E stamos chegando ao leitor amigo com este segundo número do nosso BOLETIM DE EDUCAÇÃO POPULAR. Esperamos que tenham gostado e utilizado o primeiro.

Mesmo com poucas contribuições dos grupos e das AECs estaduais, foi editado este número. Queremos ser fiéis ao objetivo traçado em nosso plano anual: "oportunizar articulações troca de experiências, intercâmbios entre as AECs e os grupos populares e outros, a fim de fortalecer a Educação Popular. Ora, o BOLETIM é um dos instrumentos escolhidos.

Continuamos abertos para receber sugestões, matéria e outros, a fim de tornar efetiva a participação e integração de todas as pessoas comprometidas com os segmentos populares, sonho esse, acalentado, na certa, por cada um dos leitores.

Assim, com nossa ação e reflexão, numa partilha e entre-ajuda, integrados, vamos perseguir um ideal: "construir uma sociedade justa e fraterna, onde homens e mulheres, juntos, são capazes de quebrar o isolamento imposto pela cultura dominante e apontar novos rumos para a construção da cidadania".

Ir. LUIZA PEROTTO

NESTE NÚMERO

Refletindo:

Educação e Ação pelos Direitos

Humanos..... pg 01

Espaço Aberto:

Projeto Beira da Linha..... pg 02

Encontro de Educadores

Populares na AEC/PE..... pg 03

Outros:

O Grito dos Excluídos..... pg 03

Visitando o Nordeste..... pg 05

Sugestões de Dinâmicas:

Mímicas..... pg 06

Rapidinhas:

Programa de Visitas pg 07

Encontro de Lideranças

Indígenas no Mato Grosso

do Sul..... pg 07

Sugestões Bibliográficas..... pg 07

Refletindo...

Educação e Ação pelos Direitos Humanos



"(...) Somos plenamente conscientes de que não existe um verdadeiro processo educativo que não seja ativo. De fato, pais de família, professores, educadores, animadores de grupos, militantes etc. convertem-se em agentes pedagógicos na própria medida em que praticam os Direitos do Homem. Eles não são aprendido "de cor", mas praticados. Caso contrário, morrem e desaparecem da consciência da humanidade.

No que diz respeito ao ensino dos Direitos Humanos, estamos persuadidos de que não há, de um lado, "experts" e, de outro, ignorantes. Todos somos especialistas do humano, ou indigentes, e a tarefa de humanizar deve brotar de nossas iniciativas educativas. Neste campo, podemos afirmar com segurança: ninguém educa ninguém. Aqui, os seres humanos educam-se em comunhão! Ninguém tem o monopólio dos elementos humanizantes. Todos temos algo que dar e algo que receber.

Este trabalho que aqui apresentamos quer refletir também a preocupação por uma informação

mínima, que é a base de toda possível ação no campo dos Direitos Humanos, e nosso desejo de evitar fica no plano do discurso teórico a respeito do assunto. Esta dupla ambição marca, também, nossa limitação. Pretendemos apenas ganhar um lugar junto a tantos outros esforços e convidar a todos os seres de boa vontade a se converterem, onde quer que estejam, em entusiastas e entusiasmantes educadores dos Direitos Humanos.

Sem este entusiasmo, sem este ensinamento, se os Direitos Humanos não impregnam o processo educativo, especialmente das novas gerações, não há progresso possível em tal campo.

Podemos educar para os Direitos Humanos? Talvez alguns respondam rapidamente que sim. Nós - a partir da experiência histórica - achamos que não é impossível, mas tampouco é fácil. Inicialmente é necessário conhecer os Direitos e admitir também que seu conhecimento não se limita ao mero enunciado dos 30 artigos da Declaração Universal, mas implica no descobrimento e na prática de certas

atitudes complexas e exigentes. E isto é assim porque os Direitos Humanos não são neutros, não toleram qualquer tipo de comportamento social, político ou cultural. Exigem certas atitudes ao mesmo tempo que repelem outras.

Um dos maiores obstáculos para a difusão e educação dos Direitos Humanos é o abismo existente entre o discurso, as palavras e os fatos, as atitudes. Se um educador, se um sistema escolar, pretende educar para os Direitos Humanos, deve sempre começar por praticá-los. Não há projeto educativo válido neste campo sem profundo compromisso social por torná-los realidade. E isto começa ao se descobrir que o próprio educando, sobretudo ele, possui Direitos inalienáveis e não manipuláveis.

Neste terreno pedagógico não existe um ensino neutro. E, além disso, historicamente, todo ensino tem sido uma tarefa na qual o educador, consciente ou inconscientemente, tomou partido claramente por uns e outros valores, procurando inculcá-los nos demais. Isto é assim porque educar não restringe nunca a mera informação.

Educar é também transmitir convicções, esperanças, afetos, desilusões e compromissos... Em última análise, na origem de qualquer processo educativo existem perguntas básicas que não podem ser eludidas: "Que tipo de sociedade e de pessoa devo defender e transmitir?" ou "Que sistema educacional se ajusta mais a esta opção?" E, logicamente, estas perguntas não são exclusivamente teóricas, estão unidas a uma prática e estão dirigidas tanto aos indivíduos como aos Estados(...)

Superar o divórcio entre teoria e prática, no campo do Direitos Humanos, é o maior desafio atual. Muitas vezes, a teoria educativa não chega a se arriscar e se "sujar" com a prática quotidiana. Há uma tendência em eludir esta responsabilidade por parte dos educadores e dos centros com seus programas educativos.

Estabelecer a relação entre teoria e prática implica a participação ativa dos mesmos educandos no próprio

centro da ação educativa, negando a outra relação, alienante, que os considere como meros "depósitos" a se encher com determinadas informações. E isto considerando que, como disse Bakunin: "A liberdade só se ensina com a liberdade!"

Texto retirado de
MOSCA, Juan José e AGUIRRE, Luis Pérez.
**Direitos Humanos - Pautas Para
Uma Educação Libertadora.**
Petrópolis, Vozes, 1990, p. 19-20/.

ESPAÇO ABERTO

Foi em 1989 que aconteceram os primeiros passos para o Projeto Beira da Linha, promovido pelo Instituto Pe. Nicola Mazza, dando início a uma pesquisa com o objetivo de conhecer a situação sócio-econômica-cultural e religiosa da área pequena chamada Beira da Linha, no bairro Alto do Mateus, periferia de João Pessoa-PB.

Imprensada entre o mangue no Rio Sanhauá e a linha do trem da rede ferroviária, é uma área onde moram centenas de famílias em casas de taípa. Os moradores vivem da pesca, lixão da cidade, de lavar carro, vender algodão doce, entre outros meios de ganhar a vida.

Depois de seis anos de caminhada do projeto na área, visando um trabalho principalmente com as crianças, adolescentes e jovens, em atividades de alfabetização, cultura popular(dança, teatro, pintura...), saúde alternativa, pastoral, religiosidade popular, etc, tentando sempre responder aos problemas levantados no resultado da pesquisa, devolvendo esta à comunidade.

Projeto Beira da Linha

Esse ano, enfrentamos mais dois desafios para o projeto que luta por resultados que levem a cobrança das políticas públicas principalmente no campo da educação.

O primeiro diz respeito a tentativa de uma parceria. Nós, enquanto projeto alternativo, lutamos com a escola pública da



área, visando melhorar a qualidade dessa escola, diminuir o índice de repetência e evasão escolar.

Direcionamos algumas atividades do projeto no sentido de complementação à essa escola municipal de 1º grau menor.

O segundo, e também grande desafio, é que estendamos abrangência do projeto para uma área que é continuação da Beira da

Linha, sendo ainda mais carente e excluída pela própria população da Beira da Linha. Uma área onde moram os últimos entre os últimos.

Construímos uma pequena escola chamada Beiramangue. (Aqui queremos agradecer à AEC do Brasil. Graças a seu apoio, isso foi possível.)

Funcionam duas turmas de alfabetização com 40 crianças e adolescentes que tiveram seu direito à educação negado, ficando excluídos da escola pública por falta de vaga. Alguns não tinham o registro e outros não foram aceitos por serem repetentes duas, três vezes da primeira série.

No início do ano 1995 participamos da "campanha pela vaga na escola", promovida pelo MEP(Movimento de Educação Popular da Paraíba). Muitos casos de crianças com esse direito negado foram encaminhados ao Ministério Público. Infelizmente ainda muitos casos ficaram sem respostas...

A luta continua e com ela a esperança de um futuro melhor.

Ana Lúcia Gusmão
Projeto Beira Da Linha

Encontro de Educadores Populares na AEC/PE

O nosso encontro teve início às 14:30 horas do dia 21/07 com a presença da Ir. Luiza e 20 representantes das diversas comunidades.

Ir. Luiza apresentou os objetivos da AEC/BR em relação à Educação Popular, mostrando a filosofia da AEC e o seu compromisso com os mais carentes, o jeito de fazer educação no respeito à cultura popular, no encaminhamento do processo educativo. Falou do que já vem sendo feito, enfatizando os 50 anos celebrados em Fortaleza, como um marco educacional para todas as AECs do Brasil.

Os participantes por sua vez falaram das suas experiências fazendo referência a grande necessidade que passam as áreas do interior com um índice muito alto de analfabetismo.

Ir. Luiza orientou o trabalho sobre os Miniprojetos e a diferença entre o Projeto de Ponta e o Projeto Pontual, para um melhor esclarecimento aos grupos.

Foi mais uma oportunidade de orientação para os grupos sobre a linha de trabalho da AEC no seu compromisso com uma ação libertadora à luz da opção preferencial pelos pobres. Foi mostrado também o perfil do

educador popular que deve ir recriando sua prática pedagógica, integrando-a no cotidiano, que é o lugar da praxis.

Finalmente, fizemos a avaliação desse encontro que foi visto como um momento privilegiado para os grupos que estiveram presentes e que foi incorporado um desejo de ser grupo pensante para a AEC/PE.

Teve também a palavrinha de animação da professora Damaris Flor que diz: “Ser o educador comunitário pessoa comprometida que possui um salário ‘psicológico’ que o anima, dando coragem para assumir o trabalho na busca de sua cidadania, garantida por uma sociedade justa, com utopias de igualdade, sem excluídos e sem excludentes”.

Ir. Lindalva agradeceu o trabalho da Ir. Luiza e a participação de todos que no final sentiram-se muito mais comprometidos. Dez pessoas formaram o Núcleo para dar continuidade ao processo de reflexão e ação, e encaminhamento dos Miniprojetos, especialmente Projeto de Ponta.

“Educação é um processo onde o educador e o educando são os protagonistas da História”

*Ir. Lindalva de Assis
Coord. SEP- AEC/PE*

O GRITO DOS EXCLUÍDOS

Um Grito pela Cidadania

O GRITO DOS EXCLUÍDOS quer ser uma voz profética de denúncia e anúncio. Denuncia o modelo econômico de inauguração excludente que favorece apenas uma pequena parcela da população, cria a “classe dos assistidos”, objeto das políticas compensatórias; exclui uma grande parcela da população, que cada vez mais é jogada à margem da

sociedade, sem caminho de retorno.

O GRITO pretende ser a expressão pública dos excluídos e da solidariedade de todos aqueles que se recusam a conviver com o processo de exclusão que nega o direito à vida digna para milhares de brasileiros.

O GRITO quer se colocar como o desdobramento e

continuação da Campanha da Fraternidade, ampliando sua repercussão pelo envolvimento das Pastorais Sociais e também de outros movimentos que a ele quiserem associar-se.

Ao voltar-se para os excluídos, a Igreja não se preocupa apenas com os que estão fora da economia. A exclusão é mais ampla, abrange uma gama

imensa de variadas situações. Queremos combater as formas de exclusão que no Brasil traduzem como salário mínimo, expulsão da terra, desemprego, fome e miséria, entre outras.

Temos que nos indignar e não aceitar que pobreza, fome e miséria sejam vistos como

fenômenos naturais inevitáveis. Em seguida, precisamos ir compreendendo por que existe tanta miséria neste rico e imenso país. E então topar e assumir o desafio de todos juntos participarmos na construção de um Brasil justo, humano e solidário, que nós sonhamos e queremos.

Para isto, precisamos acreditar e apostar no valor da ação solidária, na postura ética, na força da mística e na religiosidade deste povo sofrido e resistente. O Brasil tem saída, mas nós precisamos acreditar e assumir o compromisso das mudanças.

O que fazer?

Sugestões para a preparação

Contato com os excluídos, incentivando a sua participação tanto na preparação quanto no próprio dia com manifestações criativas de seus Gritos.

Articular com organizações populares e entidades afins para uma integração de todos nas diversas atividades a serem programadas.

Máxima divulgação do Grito junto às dioceses, paróquias, comunidades, pastorais, escolas, grupos, organizações e entidades

Máxima divulgação do Grito nos Meios de Comunicação Social locais, estaduais e nacionais.

Máxima divulgação do Grito nos boletins, rádios, jornais e revistas das dioceses, paróquias e pastorais.

Realização de debates, encontros, seminários e estudos sobre os excluídos.

Publicação de jornal em nível nacional e em forma de tablôide para uma divulgação maior do Grito

Por ocasião da Assembléia da CNBB, em Itaiçi, realização de uma reunião com bispos sobre o Grito dos Excluídos

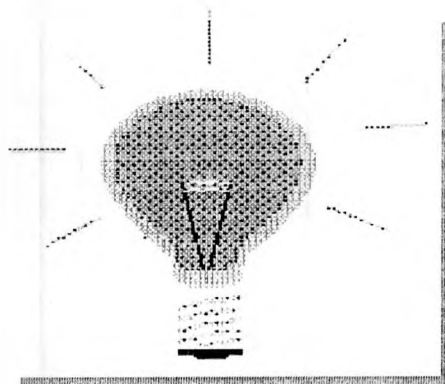
Elaboração de documentos, estudos, cartas abertas, notas e outras manifestações a respeito dos excluídos.

Confecção de faixas, folhetos, panfletos, camisetas, decalques e outras obras.

Publicação e divulgação de um cartaz em nível nacional.

Elaboração e divulgação mensal de um Boletim animador deste evento.

Envio de um cartão amarelo, como sinal de advertência, para os nossos governantes: Presidente e Governadores e Prefeitos.



Sugestões para o dia 07 de setembro

Realização em todas as cidades de uma manifestação pública com caminhadas, romarias, passeatas e terminando com uma concentração em um local público a ser escolhido (Santuários, Igrejas, Praças, Centros Esportivos, Estádios, etc.).

Promoção nestas manifestações e concentrações públicas de espaços para os excluídos expressarem seus Gritos e aspirações.

Participação na Romaria do Trabalhador em Aparecida do Norte. Ou então enviar representantes que na ocasião terão um momento na Celebração para se apresentarem.

Promover a Hora do Grito: A Vida em Primeiro Lugar, com painéis, buzinas, sinos, soltando balões coloridos e fogos de artifícios.

Outras manifestações possíveis.

Entidades que apoiam o Grito dos Excluídos: Setor Pastoral Social da CNBB, Movimento dos Sem Terra, Central Única dos Trabalhadores, Central dos Movimentos Populares, Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais.

(Fonte: Jornal O Grito dos Excluídos
Setor Pastoral Social - CNBB)



Visitando o Nordeste

Em julho passado, após o Congresso Nacional de Educação, em Fortaleza, aproveitamos para visitar três Setores de Educação Popular do Nordeste: Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Nosso objetivo principal foi contatar com as Diretorias e dar apoio aos SEPs especialmente orientando sobre a elaboração dos Projetos de Ponta.

Rio Grande do Norte - No dia 17/07 estivemos em Natal onde nos encontramos com a Diretoria da AEC/RN. Estavam presentes, Pe. Orsini Linard, presidente. Profª Ana Maria Lemos, orientadora pedagógica, Profª Rita Ferreira e Profª Ivante Albuquerque, esta última coordenadora do Setor de Educação Popular.

No encontro tratamos de várias questões relativas à Educação Popular, especialmente: possibilidade de parcerias para incrementar o Projeto de Ponta, necessidade de uma "equipe pensante" para agilizar o setor, intercâmbio entre grupos populares a fim de fortalecer a Educação Popular no Rio Grande do Norte e ajuda financeira ao setor e organização do local(sede) para reunir os equipamentos adquiridos recentemente com o auxílio da MISEREOR, e abrigar a AEC/RN(o local onde está a sede - Catedral é impróprio, pois funciona junto com outras pastorais).

O assunto principal foi o Projeto de Ponta, que graças ao esforço de alguns educadores e da coordenadora, já está esquematizado.

Também tivemos oportunidade de visitar o Canto do Mangue, uma favela de pescadores, que naquele dia estava inaugurando a Sede da Colônia dos Pescadores. Com o auxílio da Petrobrás, da Marinha, da Prefeitura essa comunidade está se desenvolvendo. A AEC e a Igreja tem parte nisso.

Sentimos o rico intercâmbio entre essas entidades, a Igreja e a AEC. Isso faz crer que, com boa vontade e apoio, aquela comunidade começará a andar com seus próprios pés.

Queremos agradecer a acolhida

dos "potiguares" e parabenizar por todo o esforço que a AEC/RN vem empreendendo, em prol do popular. Saimos com a convicção: Com o esforço e luta se vence, mas é preciso que mais gente se engaje nessa luta.

Paraíba - Nos dias 18 e 19 de julho visitamos a AEC da Paraíba. Em João Pessoa estivemos reunidos com a Diretoria daquela Associada. Estiveram presentes: Profª José Victor dos Santos, presidente; Ir. Ana Queiroga, vice-presidente; Profª Francisco Sales Bezerra, do departamento de comunicação, bem como representantes de grupos populares: Antônio Mendes, do SEAMPO e FREPE, Ana Lúcia Gusmão, do Projeto Beira da Linha e, Adeilde, da Central de Movimentos Populares. Infelizmente a Profª Dalvacy, que no momento assume a coordenação do Setor de Educação Popular não pode estar presente. Teria sido muito importante sua presença, pois que ainda é inexperiente no ramo. No entanto, os representantes dos grupos se comprometeram a dar todo o apoio ao setor. O Presidente acolheu a disponibilidade deles, visto que, por falta de pessoal, houve uma certa descontinuidade dos trabalhos realizados nos anos anteriores. Essa equipe se envolveria também com a execução do Projeto de Ponta já elaborado em 1994 e previsto para ser iniciado em 1996.

O grupo reunido refletiu também sobre pontos importantes para a Educação Popular da Paraíba e chegou a algumas conclusões. É preciso: organizar a Equipe de Educação Popular com representações dos muitos movimentos existentes na Paraíba; articular com os grupos do Sertão e do Agreste, a fim de iniciar aí, o "Fórum de Educação Popular, ligado ao MEP(Movimento de Educação Popular) fundado em julho de 1994; programar um ou dois encontros com educadores populares a nível de estado, a fim de motivar para o Projeto de Ponta; tomar

como prioridade a realização do Projeto de Ponta em 1996.

O Profª José Victor e toda equipe reunida demonstraram muito interesse e preocupação com a Educação Popular. Isso leva a acreditar que os pequenos impasses serão superados.

Ao final da reunião nos colocamos à disposição para apoiar o Setor desde Brasília. Na Paraíba há muitas forças engajadas no popular, é preciso articulação. Não seria esta uma função da AEC/PB?

Pernambuco - Em Recife estivemos reunidos no dia 20 de julho com a Coordenadora do Setor de Educação Popular, Irmã Lindalva de Assis, e no dia 21, com a Diretoria. Estavam presentes: Profª Alcides Tedesco, presidente; Luzi de Melo, secretária executiva; Profª Ana Maria Santos, supervisora pedagógica e Ediva Gomes, representante das Escolas Comunitárias. No início da reunião se apresentou o Grupo NUAMPO(Núcleo de Apoio a Movimentos Populares) da UNICAP.

Estes apresentaram o movimento, seus objetivos, seu trabalho. Solicitaram também esclarecimentos sobre a Proposta de Educação Popular da AEC/BR.

No momento da discussão, surgiu a idéia de se formar em Recife, um "Fórum de Reflexão" a nível popular, idéia que foi amplamente discutida e acolhida por todos.

O Profª Alcides Tedesco relatou sucintamente as ações da "Frente Ampla" que reúne todas as escolas associadas de Pernambuco. Disse da possibilidade de estender essa Frente Ampla também à Educação Popular, atingindo assim os educadores populares dos grupos ligados à AEC.

Sobre o Projeto de Ponta está ele em fase inicial. Foram feitas várias reuniões e foram esboçadas as linhas principais.

Outros pontos foram discutidos, como: criação de um "momento de reflexão" para gestar o

Projeto de Ponta; diálogo com as bases e levantar possibilidades de parcerias; dar ciência aos educadores sobre o Projeto de Ponta; dar prioridade as Escolas Comunitárias ao selecionar os candidatos, pois estas estão sendo o alvo principal da AEC.

Nossa visita teve outro momento rico: foi o "Encontro com Educadores Populares", preparado pela Ir. Lindalva. Sobre isso, leia o artigo Encontro de Educadores Populares na AEC/PE, na seção Espaço Aberto, neste Boletim.

Nos despedimos de Recife com muita esperança acerca da Educação Popular, isso se a Diretoria a assumir como um todo e houver mais educadores comprometidos. Recife, diz Tedesco, "é um rico celeiro de educadores e de fontes para a Educação Popular".

*Ir. Luíza Perotto
Coordenadora
SEP- AEC/BR*

Sugestões

Dinâmicas

Mímica

É uma linguagem comunicada por meio das expressões do rosto e dos gestos. É a imitação com mímica. Várias das mímicas que apresentaremos podem ser feitas com máscaras, como em algumas dramatizações. É bom utilizar uma música não cantada, que combine com o tema, para dar mais vida à apresentação.

ARTISTAS DE IMPROVISO

Fazer papéis para sorteio, contendo imitações de profissões, tipos de líderes, maneiras de participar de uma reunião, partes da missa, sacramentos etc. Cada mímico imita, de improviso, o que está escrito no papel sorteado.

IIÁ MUITOS OBJETOS NUM SÓ OBJETO

Podemos entregar ao grupo um objeto para que cada um dos participantes descubra para ele uma utilização. Se o objeto for um pedaço de pau, poderá servir de espingarda, cavalo, guarda-chuva, muleta, elevador, ponte, colher, mastro de bandeira, poste, remos, etc. O grupo deverá descobrir a utilidade do objeto pela mímica que cada um fizer.

A VARINHA DOS INSTRUMENTOS DE TRABALHO(ou musicais)

Com um espetinho de madeira de churrasco ou palito de picolé o animador pede voluntários do grupo, um de cada vez. O mímico(quem faz a mímica) pega a varinha e, com gestos, transforma a varinha em instrumento de trabalho. O grupo deve descobrir qual é o instrumento e qual o profissional que o usa. A varinha pode se transformar em caneta, enxada, foice, panela, colher, mamadeira, rolo de pintor etc.

Uma outra maneira é escolher um tema(reforma agrária, por exemplo) e transformar a varinha em objetos ligados ao tema: cerca, enxada, título de terra, arame farpado, facão, plantação.

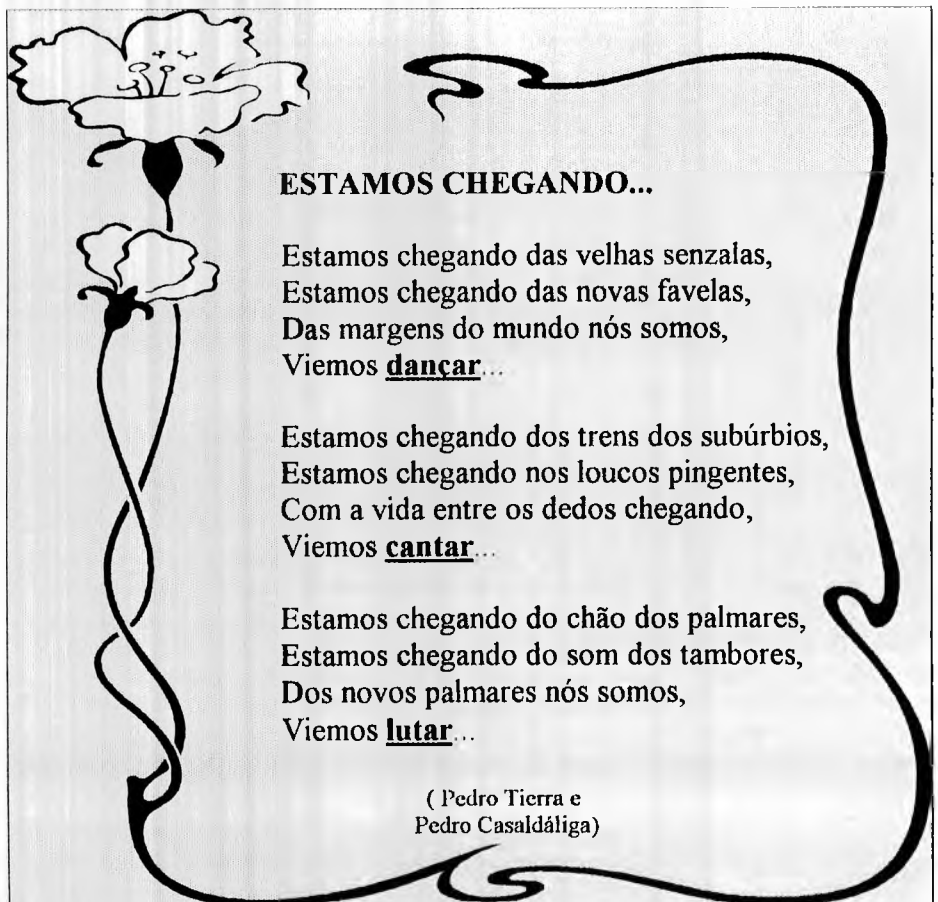
DESCOBRINDO O TEMA

Algumas pessoas saem da sala e, do lado de fora, combinam um tema. Depois, entra um de cada vez e faz sua apresentação diante dos companheiros. Um pode encenar mostrando a carteira vazia; outro, mostrando o sapato e a carteira de trabalho. No final, o grupo procura adivinhar o tema representado(no caso, o desemprego) pelo grupo. Em seguida, discute-se o tema.

RITUAL MUDO

O grupo realiza rituais bem conhecidos, porém, em mímica, procurando analisá-los, exagerando ou não. Exemplo: casamento, enterro, batucada, orquestra, assembléias, etc.

Fonte: Comunidade Criativa
Fazer brincando - M Josefina
Edições Paulinas - 1985



ESTAMOS CHEGANDO...

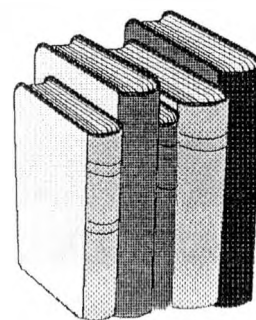
Estamos chegando das velhas senzalas,
Estamos chegando das novas favelas,
Das margens do mundo nós somos,
Viemos dançar...

Estamos chegando dos trens dos subúrbios,
Estamos chegando nos loucos pingentes,
Com a vida entre os dedos chegando,
Viemos cantar...

Estamos chegando do chão dos palmares,
Estamos chegando do som dos tambores,
Dos novos palmares nós somos,
Viemos lutar...

(Pedro Tierra e
Pedro Casaldáliga)

Rapidinhas



Indo e Vindo...

Participaremos com as Equipes do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais do **Lestão**, em **Uberaba** nos dias **31/08, 01 e 02/09**. Durante o Encontro, teremos momentos especiais para a Educação Popular só com os responsáveis.

Duza, Ir. Emília, Mário! Não esqueçam de levar um representante.

Atenção **São Paulo!** Dias **29 e 30 de agosto** estaremos abraçando Ir. Gabriela e equipe, Ir. Stela e equipe. Aguardem.

Quando "setembro chegar" é a vez do Estado das Araucárias... **Paraná**... Curitiba,

Ir. Jocely e equipe, preparem o cronograma!

Lá estaremos com nossa presença nos dias **25 e 26/09**. Contem conosco!

Antes, porém, Ir. Alda e a equipe gaúcha nos esperam, **no Rio Grande do Sul**.

Na véspera do Sulão, exatamente no Dia do Gaúcho 20/09, teremos programa cheio: reunião, visita aos Miniprojetos de Capela e Charqueadas. E por falar em Charqueadas, haverá por ventura churrasco?

Ir. Luiza Perotto
SEP-AEC/BR

AEC do Mato Grosso do Sul promove:
ENCONTRO DE LIDERANÇAS INDÍGENAS, nos dias 04, 05 e 06 de setembro próximo.

Tema do Encontro: Índio Cidadão da Terra

Objetivos:

- questionar a implantação da Hidrovia Paraná/Paraguai,
- refletir sobre as interferências do MERCOSUL nas Comunidades Indígenas;
- O Índio e seus Direitos de Cidadão

Parabéns à AEC/MS e à equipe de Educação Popular!

Bibliografia

Recomendamos a leitura dos livros: *Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos* de Vera Maria Candau, Susana Beatriz Sacavino, Martha Marandino, Maria de Fátima M. Barbosa e Andréa Gasparini Maciel, e *Paixão de Aprender* de Esther Pillar Grossi e Jussara Bordin. Ambos da Editora Vozes.

EM QUE GRUPO VOCÊ SE ENCONTRA?

Existem três tipos de pessoas diante da sociedade que aí está:

- o **Caixas** - convida para ocupar espaço na sociedade do jeito que ela está;
 - o **Malandro** - cruza os braços e só quer sombra e água fresca;
 - o **Peregrino** - sai e tenta, junto com outras pessoas, alguma alternativa.
- E você? E seu grupo ou comunidade???

SETE COISAS

que o Bom Jesus detesta não pode tolerar:

- 1 o olhar orgulhoso
- 2 a língua mentirosa
- 3 mãos que matam inocentes
- 4 pés que apressam para expulsar o fraco
- 5 autoridade que faz planos perversos
- 6 a testemunha falsa
- 7 a pessoa que invade o alheio e provoca briga entre amigos.



Editoração e
Diagramação
Graça Bispo

Obrigado!
Continuem
Colaborando

Agradecemos as matérias enviadas por:

Ir. Lindalva de Assis (AEC/PE) - Pernambuco
Ana Lúcia Gusmão(Projeto Beira da Linha) - Paraíba

AEC do Brasil - SBN Quadra 01 Bl. H Loja 40
Brasília-DF, CEP: 70040-000 Tel: 223-2947 Fax: 226-3081